

# Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO

ASSIGNATURA  
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR  
Anno ou 52 numeros..... 24500 réis  
Semestre ou 26 numeros..... 12500 >  
Trimestre ou 15 >..... 7000 >  
Avulso..... 60 >

— ANNOI—9 DE OUTUBRO DE 1881—N.º 34 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO  
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA  
BRAZIL  
Anno ou 52 numeros..... 75000 réis  
Semestre ou 26 numeros..... 37500 >  
Trimestre ou 15 >..... 25000 >  
Avulso..... 200 >

## SUMMARY

GRAVURAS:—Fosquinhas; A direcção do correio em Tanger; Politicos tartaros; Uma vista dos arredores de Sarreburgo, perto de Tréves.  
TEXTO:—Actualidades, por Iriel; As nossas gravuras; Portugal velho, por Delphin d'Almeida; Sciencia popularizada; Horas d'ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro; Correspondencia.

## ACTUALIDADES

Se te disserem que se realisou esta semana a aber-

Recordas-te da inauguração do theatro ha 7 ou 8  
anos? Fallava-se n'isso com um mez de anteceden-  
cia, quando se abria a assignatura. Contavam-se

cadinhos da rua do Duque de Bragança e invadia o  
vestibulo. As equipagens particulares, os soberbos  
hanoverianos, trotando á *la hauteur du portrail*, en-



FOSQUINHAS.

tura de S. Carlos, não acredites. São boatos espalhados adrede pela empreza e pelos cocheiros da praça, para apanharem freguezes. Não houve tal abertura, posso affirmar-te. Queres uma prova? Não te constou que a abertura fosse sabbado? Pois bem, n'essa noite estive eu lá.

as horas que faltavam para a noite famosa. Pela manhã, formavam-se grupos junto á Havaneza, como nos dias de graves acontecimentos politicos; e faziam-se apostas como n'um *steeple chase*. Á noite, toda essa multidão processional, solemne, engraxvatada de branco, com luvas cinzento-perola, descia pelas es-

travam dentro da arcada, despejando do seu bojo *capitoné*, ondas de plumas, de flores e de setins. Dentro em breve a sala estava cheia e silenciosa. O gaz tombava em jorros d'uma luz penetrante e crua, que se quebrava, como uma chuva de flechas de aço, de encontro ás fecetas das pedras preciosas, dos bro-

ches, dos brincoes e das pulseiras, resaltando em reflexos admiráveis, que enchem o theatro de constellações multicolors. Por toda a parte o luxo, então a sua *symphonia-heroica* em oiro-maior! A tribuna real, aberta de par em par, mostrando o deslumbramento interior, as suas columnatas elegantissimas, a sua mobilia de setim e de oiro, as suas tapeçarias deslumbrantes. A orchestra toda de pé esperava, de instrumentos em punho, o momento solemne. E quasi que uma especie de anciedade, uma expressão indefinivel que se observa em todos os rostos na aproximação d'um acontecimento grave, dava a todos os espectadores uma attitudé especial, que decorava a sala, que a vitalisava, que a impregnava de commoção, de vida, de significação artistica.

De subito, o regente da orchestra dava o signal e um movimento formidavel agitava o theatro. As plateas punham-se bruscamente de pé, de costas para a scena e uma agitação febril de lenços sacudidos, de binoculos assestados para o mesmo ponto, de *clagues* tirados da cabeça e reduzidos á sua outra configuração, fazia oscillar todos os corpos, corria a turba como um vento invisivel. As senhoras, de pé, para saudar a primeira de entre ellas, enchem a frente dos camarotes de côres magnificas, destacando n'uma projecção vigorosa do fundo carmezim do forro. A luz banhava em ondas os hombros mais redondos, as gargantas mais esculpturadas, os braços mais torneados, as *toilettes* mais esplendidas. Então na tribuna um bello e sumptuoso cortejo apparecia, bordava o parapeto de bustos, constellados de crachás, de bordados, de verdadeiras correntes de Laurentius, feitas de diamantes; e no centro, S. M. a Rainha, em quem se fixavam todos os olhares, todos os binoculos, todas as curiosidades. Ella então, com essa suprema elegancia que trahiria a sua estirpe sob os mais miseraveis andrajos, envolvia a sala inteira n'um olhar e n'um sorriso de agradecimento e fazia em seguida uma d'essas mesuras admiraveis, difficilimas, que parecem ser o segredo dos organismos creados no ambiente das côrtes e que representam um verdadeiro esforço muscular, obedecendo ao qual o corpo parece immergir no seu involucro de setins, de rendas e de grinaldas, para surgir de novo lentamente, tendo saudado n'um segundo uma multidão inteira. O hymno real entretanto enchia o theatro com o seu rythmo marcial e solemne e juntava o prestigio da sua orchestração sonora ao esplendor que inundava a sala.

Depois o spectaculo começava e nem uma unica manifestação de applauso ou de reprovação tirava á festa o seu caracter quasi diplomatico e official.

Essa é que era a verdadeira abertura do theatro, embora elle tivesse dado uma ou duas recitas antes.

Agora queres ouvir o que succedeu sabbado? A sala estava cheia. Muitos camarotes occupados por homens, que são d'um effeito decorativo deploravel, com os seus sinistros fraks escuros. O lustre, a meia luz, pingava uma especie de azeite luminoso convidativo ao somno. Uma essencia infecta vinha dos corredores. Uma ou duas familias conhecidas nas frisas e na 1.ª ordem — por junto. Na superior as casacas — raras no vasto abismo — perdiam-se no meio d'uma turba irreverente de rabinas. A tribuna real fechada. Um calor insupportavel.

Quanto á opera, devo dizer-te — e n'isso estou talvez em desacordo contigo — que a detesto cordalmente. Á parte o *duo* entre Aida e Amonasro, no terceiro acto, em que ha um crescendo de violinos, conduzindo ao alagamento d'aquella bella phrase, *Ah patria, patria, quanto mi costi*, que é simplesmente maravilhoso — tudo o mais inspira-me uma

absoluta execração. O primeiro acto, com a sua côr monotoná e soporifera, o segundo, com o seu alarido de instrumentação, capaz de dar ouvidos a um morto e de ensurdecer um vivo, a scena do julgamento, massada celebre entre as estopadas musicas, tornam aquella opera para mim um objecto de horror.

O desempenho, como já sabes foi bem mediocre. Reservo-me para te fallar dos artistas, quando conhecer toda a companhia. Tenho porem, meu caro, de te apresentar as maiores desculpas acerca d'um certo ponto... Eu realmente estou envergonhadissimo e se podesse esgucirar-me da chronica sem te dar as necessarias explicações, cre bem que me pouparia a esta humilhação suprema. Mas, enfim, as conveniencias, a urbanidade... Não ha remedio.

Lembras-te d'aquella *camapheu* que eu te apresentei logo na minha primeira chronica como sendo copia litteraria d'um retracto de Stella Bonheur? Ah! meu caro! Os *photographos*! não te digo mais nada! A tal belleza selvagem, de tigre femea, o tal rosto de *fauve* reduz-se a um *minois*, digno quando muito d'um café concerto dos *boulevards* exteriores. E a voz, auxiliando esta disposição da physionomia, a cada passo fornece ao espectador a esperanza de que mais dia menos dia, ella, em vez de cantar *Dimmi qual nuovo fremito, gentile Aida*, se resigne a entoar os *couplets* do *Beau Nicolas*.

*Jadis à Pontoise  
Il était un beau gars...*

Retiro pois o *camapheu* e para a outra vez, meu caro, quando me metter a dar-te informações acerca da belleza de qualquer *prima donna*, não mais me fiarei em *photographias* enganadoras, e cingir-me-hei, unicamente á maxima de S. Thomé: — *ver para crer*. Não se me dava mesmo se me deixassem levar ainda mais longe a incredulidade.

INIEL.

## AS NOSSAS GRAVURAS

FOSQUINHAS — O quadro é de Burgers, e demonstra mais uma vez o talento do illustre mestre. Ninguem poderia dar mais relevo a essa scena familiar: o visinho sentado descuidadamente á boa vida, a provocar o gatto, esperto e gentil como todos os seus irmãos de raça no alvorecer da existencia, phrase que mr. Prudhomme não deixaria de empregar; a rapariga enlevada nas gracinhas do seu animal favorito; a gata mãe, julgando que lhe dão cabo do pequeno, a pedir o filho em mios supplicantes, e ao fundo do quadro as gallinhas e o gallo na sua attitudé habitual de suprema indiferença: o gallo a pensar em si e as gallinhas no milho. O quadro é perfeito, é completo. Não ha uma physionomia que não tenha a sua expressão logica e verdadeira. A composição é esplendida e a execução admiravel.

A DIRECÇÃO DO CORREIO EM TANGER — O correio em Marrocos é, como se vê, de uma simplicidade primitiva, mas deve ser tambem de uma economia admiravel. Esta direcção do corrcio de Tanger é talvez a mais importante do imperio, por ser a da cidade onde reside maior numero de europeus. Conitudo achamo-nos em presença de todo o seu pessoal: um director, um carteiro e um amanuense. O director entrega directamente a carta ao *factor* com uma familiaridade perfeitamente biblica, o amanuense, com uma franqueza muito superior á dos amanuenses portuguezes, toma estrado no chão a sua chavena de

café, fumando ao mesmo tempo o seu cigarrito tradicional. Não ha, como vêem, nem direcção nem administração geral, nem estação telegrapho-postal, nem ambulancias, nem correio no Carmo e correio no Terreiro do Paço, nem um exercito de empregados, nem um orçamento monstro, nem outro exercito de aposentados. Ora apesar de não haver isso tudo, apesar de se não pensar em *local para o edificio do correio*, e de não haver nenhum Miguel Paes marroquino, que, procurando esse local, percorra toda a sciencia humana desde a cartilha do mestre Ignacio até aos motores do futuro, apesar de não haver nada d'isso no imperio de Marrocos, os marroquinos não recebem as suas cartas exactamente como nós não recebemos as nossas. Logo toda a vantagem está do lado da direcção do correio de Tanger, e o paiz lucraria immenso se tivesse um director geral, um carteiro e um amanuense que tomasse café. Essa é que seria, enquanto a nós, a mais vantajosa das reformas.

POLITICOS TARTAROS — Esses honrados homens são uns patriotas de Khiva que lamentam os infortunios da sua patria. Foram retratados na occasião em que a Russia se assenhoreava d'esse khanato da Asia Central. Por isso os bons dos homens, melancholicos e afflictos, vendo a patria tão esfarrapada como as suas vestimentas, conversavam lugubrememente nas desgraças do paiz e na marcha victoriosa de Kaufmann.

UMA VISTA DOS ARREDORES DE SARREBURGO AO PÉ DE TRÈVES — De um amigo nosso, que acaba de fazer uma deliciosa viagem na Europa central, recebemos a proposito d'esta gravura a seguinte carta:

*Meu caro amigo*

«Diz-me que tem no *Jornal do Domingo* uma gravura representando uma deliciosa paisagem nos arredores de Sarreburgo, e quer que eu arranque, para informação dos seus leitores, uma pagina da minha carteira de viajante? A carteira de viajante está sendo uma phrase profundamente convencional. Os *Guias-Joanne* substituem todas as carteiras imaginaveis, e faria muito melhor se recorresse a um d'elles, em vez de vir bater á minha porta. Não quero em todo o caso deixar de lhe responder.

Estive em Trèves, meu amigo, a antiga e celebre metropole das Gallias, cheia de grandes tradições, rica em minas romanas, cujo eleitor figura como comparsa no *Hernani*, e por signal que tinha um typo de policia civil em D. Maria II, quando subiu á scena aquella tradução que V. teve a pachorra de fazer, e que... *Parce sepultis*.

Pois, meu amigo, effectivamente, por uma bella manhã, sai eu de Trèves, e fui visitar uma antiga abbadia de beneditinos de S. Mathias, que teem na sua igreja o tumulo d'esse mesmo santo, que eu não sei se lá está. O que sei é que alli me mostraram, encastado em oiro e pedrarias, um pedaço da verdadeira cruz. Porque é que S. S. Leão XIII não se ha-de lembrar de colligir todos os pedaços da verdadeira cruz e de reconstruir assim o instrumento do supplicio de Jesus-Christo? Ai! meu amigo, tinha cruz para todos os santos da côrte do céu, incluindo os que não morreram crucificados.

Abaixo do convento ficam as ruinas de uma cartuxa, logo em seguida o castello magnifico de Monaise, e enfim chega-se a Conz, encantadora aldeia, que, segundo me disseram, foi cantada por Ausonio. Eu nunca li Ausonio, nem V. provavelmente. Quando me disseram porém que elle cantára Conz, mencei a cabeça com respeito, e, olhando em torno de mim,

com receio de que me apparecesse ali o Sampaio, fiz uma citação latina, que as pessoas presentes ouviram tambem com respeito, e que passou por ser de Ausonio. Aqui para nós era do *Palilo metrico*.

Mas emfim é em Conz que o Mosella junta as suas aguas com as do Rheno, e eu, depois de ter visitado as ruinas do palacio de Constantino, metti-me no caminho de ferro e segui para Sarrebourg. Não lhe fallo, para o não massar, nos magnificos trabalhos que foi necessario executar para se construir a via ferrea. Cheguei emfim a Sarrebourg, e houve um momento em que me parecia que atravessava as formosas paisagens do Douro, antes da invasão do phylloxera. Via por todos os lados vinhas magnificas. Entre ellas apparece a bonita cidade de Sarrebourg com as suas quatrocentas ou quinhentas casas, banhada pelo Sarre, que alli se junta com o Leuth como o Alcôa com o Baça dentro da villa de Alcoçã. e é dentro da cidade que o Leuth fôrma uma cascata magnifica, em que as aguas se despenham de uma altura de 20 metros. Tambem alli se vêem as ruinas do palacio do cleitor de Trèves, de cujo terraço se descobrem os lindissimos arredores da villa. Lá subi tambem, e posso afirmar-lhe que o desenho de Arenden de que me enviou uma prova, e que vai dar no *Jornal do Domingo* é da mais perfeita exactidão. Se era isso o que de mim desejava, estão os seus desejos cumpridos, tanto pelo menos quanto cabia nas minhas limitadas forças. Sabe que não sou escriptor, e, se não fosse o famoso *vêu do anonymo*, não me metteria em tão altas cavallarias.—F.

## PORTUGAL VELHO

O LUXO

IV

O rei devoto D. João III, ao mesmo tempo que mandava accender as fogueiras da santa inquisição, para aquentar as crenças dos servos de Deus, occupava-se tambem com o maior zelo dos bons costumes, procurando reprimir os devaneios do luxo. N'este santo proposito assentou-se um dia á sua escrevaninha, e depois de aparar a penna, experimentar a tinta, e munir-se do competente papel matorrão, escreveu a pragmatica de 1535, em virtude da qual ninguem poderia d'ahi em diante vestir como quizesse, mas sim como fosse do agrado de sua alteza. Bom tempo.

Permittia-se ás damas da rainha que podessem trazer sobre as suas costas duas roupas de seda preta, mas que não chegassem ao chão. N'esta disposição houve, talvez, condescendencia com alguma dama de pésinho bem feito. A carne é fragil, e a devoção dá-se muito bem com a galanteria. São amigas.

Se as damas do paço não quizessem usar d'aquelle vestido, mandava el-rei que fosse respeitado o capricho das illustres senhoras, podendo então trazer saias de tafetá, ou veludo, ou setim, bem como saínhos de seda com os seus corpinhos e respectivas mangas, devendo estas ser estreitas. A sollicitude do soberano ia além da qualidade das fazendas e feitiço dos vestidos: sua alteza occupou-se tanto de estudar o assumpto, com tanta dedicacão e tanto fructo, que chegou até a habilitar-se para dar leis a respeito das guarnições e dos forros. Determinou, pois, que poderiam ser forrados de seda, por dentro e por fóra, os sombreiros das ditas senhoras, e bem assim as mangas dos corpinhos. Não declarou, porém, como é que deviam verificar-se as infracções d'esta importante disposiçào.

Os sombreiros poderiam ser substituidos por barretes ou carapuças, e nos cintos e colletes poder-se-hia empregar a seda.

O uso d'esta fazenda nos vestuarios tinha o caracter de concessão, ou graça especial, e portanto era facultativo; quando ás senhoras fidalgas desse a phantasia de se vestirem menos custosamente, era-lhes permitido, com tanto que o não fizessem por manha: isto é, que a pretexto de maior simplicidade no principal, dessem largas ao luxo nos accessorios. Foi-lhes prohibido, portanto, que nas cotas ou faldrilhas de fazenda podessem trazer outra guarnição mais do que uma barra chã, sem entretalho algum e do terço da largura da seda. E se não quizessem assim, se achassem pouco elegante uma só barra, se lhes appetecesse variar, poderiam trazer barras estreitas, debruns ou marnetes, com tanto que se não occupasse com taes guarnições maior largura do que a que fica dita. Nos vestidos que não fossem de seda apenas poderiam usar um debrun direito, e as mangas dos habitos poderiam ser forradas de setim de qualquer côr; «*as dianteiras e rodas por dentro guarnecidas do mesmo setim, da largura de uma mão travessa, e por de fóra de um debrun de qualquer seda.*»

El-rei D. Sebastião, apesar de preocupado com as altas cavallarias que deram cabo d'elle, e fizeram a nossos avós não poucos amargos de bocca, ainda assim tambem se occupou, nas horas vagas, d'este grave negocio de estado. Elle era tão rapaz!

Aos 16 annos da sua idade, em 5 de junho de 1560, permittiu com a maxima liberalidade ás donzellas da rainha e infantes, que podessem trazer os vestidos e roupas de seda que lhes aprouvesse, com tanto que fossem guarnecidos com uma barra direita da largura de dois dedos em travez, e um debrun direito de seda da côr do vestido. O joven monarcha não foi menos sollicito do que o seu piedoso avô na questão dos forros. Legislando sobre o vestuario feminino determinou sua alteza o que segue:

«*Da banda de dentro poderão trazer uma guarnição chã de seda, que não passe de uma mão travessa.*» Nos sombreiros, ou chapéus, além de poderem ser forrados de seda, por fóra e por dentro, como anteriormente se havia determinado, era lícito adornal-os com um cordão d'ouro ou seda.

Era prohibido ás nobres damas, de que nos temos occupado, usar nos seus vestidos de bordados, alamares, laçarias, guarnição, serrilha, trochado, torcellado, fitas, tranças, passamanes, entretalhos, rendas e cortapizas! Muito bem feito: não é com tafularias que se ganha o reino do céu.

O uso da seda nos véus, beatilhas, enxaruvias e outros toucados era concedido a todo o sexo feminino, sem excepção. E ainda ao mesmo sexo, e só a elle, concedeu o mystico D. João III o privilegio de poderem usar luvas perfumadas.

Hoje, pelo systema de igualdade, que felizmente nos rege, tanto pôde usar d'aquelle requinte de luxo a mais delicada e elegante menina, como o salão mais parrano e grosseiro; comtudo, para acudir a todas as encomendas, basta a Lisboa de hoje um só Moreira: as luvas perfumadas do 103, são mais que sufficientes para fornecer toda a janotaria d'ambos os sexos, e d'ambas as margens do Tejo: d'antes, quando o uso da luva aromatisada era privilegio do bello sexo, nada menos que oito Moreiras se occupavam exclusivamente de *adubar* (termo official da epocha) com oleos e fragancias as luvas das elegantes lisboetas. Viviam os oito simplesmente d'esse officio; não tinham, nem precisavam outro modo de vida! Quem dera hoje toda esta freguezia ao 103! Quem lh'a dera!

Menos generoso com as mulheres e filhas dos fidalgos, desembargadores, cavalleiros da sua casa, ou «confirmados que tivessem cavallo», o rei D. Sebastião não permittia a estas tantas phantasias no trajar. Prescrevia-lhes o uso de uma só roupa de tafetá, ou outra seda que não fosse aveludada nem raxada com um debrun ou barra da largura de dois dedos o muito, e guarnição, por dentro, da largura de uma mão travessa. Podiam usar do mesmo ornamento na cota ou vasquinha de seda. Esta, porém, não poderia trazer-se juntamente com a dita roupa, devendo, n'esse caso, ser substituida por um corpinho ou gibão.

Nos vestidos de panno ou chamelete era licita uma guarnição de seda pela parte interior dos *colares, dianteiras e bocaes das mangas*, além da barra, ou debrun de que já fallámos. Com este vestido se podia trazer a cota de seda ou a vasquinha, á escolha. O forro do chapéu era o mesmo que o das damas do paço, mas o cordão e cairel das bordas só podia ser de retroz.

Cumpre notar, que o rei D. João III tinha sido um pouco mais somitigo de concessões para estas fidalgas, pois, apenas lhes consentia que trouxessem corpinhos de seda com mangas estreitas, devendo as restantes peças do vestuario ser de fazenda menos custosa.

As fidalgas menos fidalgas, ou de meia tijella, como se diz em phrase ordinaria, não era licito usar vestido inteiro de seda, mas apenas o corpinho, ou gibão d'essa fazenda; as outras peças deveriam ser de panno ou chamelete, com guarnições semelhantes ás que já ficam ditas.

Quanto ás fatiotas do mulherio burguez não se dignou tratar o rei piedoso, nem seu neto; apenas este determinou que as filhas e mulheres dos officiaes mechanicos e pessoas que vivem por trabalho de suas mãos, embora seus paes ou maridos tivessem cavallo, não poderiam usar das coisas permittidas á fidalguia.

É esta a unica disposição que directamente se refere á plebe; comtudo a latitudinaria concessão dos toucados de seda e luvas perfumadas, e o mesmo silencio a respeito de muitos objectos, cujo uso era em ordenações antigas expressamente prohibido á arraia miuda, prova que já haviam cahido em desuso muitas distincções, e que a differença de vestuario nas diversas classes quasi se limitava á qualidade das fazendas.

A tendencia niveladora ia lentamente fazendo o seu caminho, valendo para esse effeito muito mais que o poder absoluto dos principes a lei natural do desenvolvimento das sociedades.

DELFIN D'ALMEIDA.

## SCIENCIA POPULARISADA

### Exposição de electricidade em Paris

São por tal forma notaveis os apparatus, que se observam na Exposição de electricidade em Paris, tão assombrosas as conquistas realisadas pela sciencia a favor da civilisação em geral, das artes e das industrias em particular, que não podemos deixar de escrever algumas palavras sobre um assumpto, para que actualmente dirigem a sua attenção todos os espiritos desejosos de estudar e aprender.

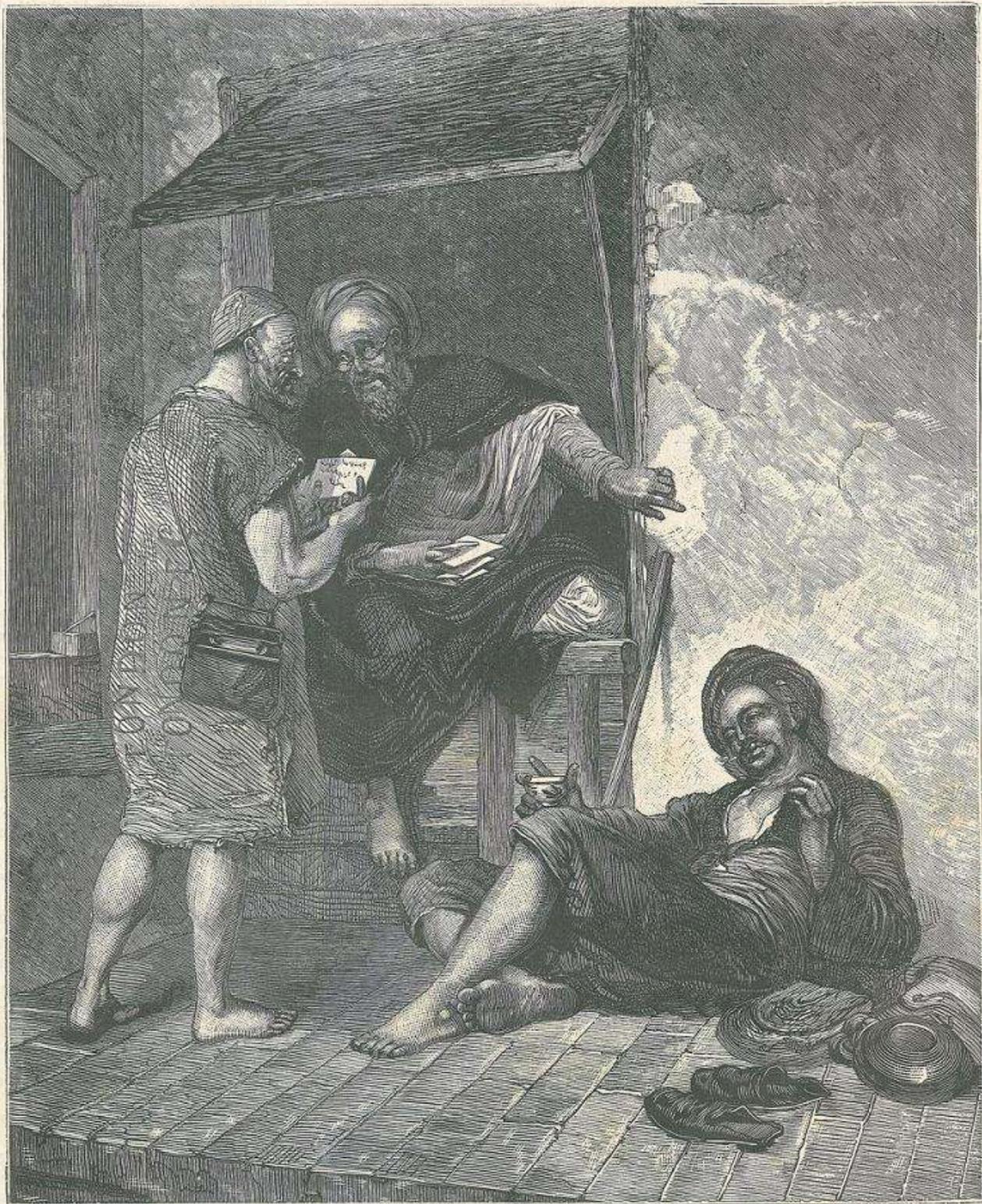
Mas, como o nosso principal intuito é vulgarisar conhecimentos scientificos, explicar phenomenos e apparatus de modo que a explicação possa ser comprehendida pelos menos versados na linguagem e

nas theorias da sciencia, pedimos aos leitores, que se não encontrem n'estas condições, nos desculpem fazermos preceder a noticia da Exposição de electricidade em Paris de algumas noções elementares sobre o fluido electrico.

recebeu o nome de *electricidade*, nome derivado da palavra grega *electron*, que significa *ambar*.

Mais tarde reconheceu-se que a resina, o enxofre, o vidro adquirem a mesma propriedade, quando esfregados como o succino; notando-se porém que cer-

corpos leves, não é a sua unica propriedade; tem tambem a de os repellir. Tomemos um *pendulo electrico*, que consta de uma pequena bola de sabugueiro, suspensa por um fio de seda a uma haste de vidro; electrisesemos depois um cylindro de resina es-



A DIRECÇÃO DO CORREIO EM TANGER.

I

Os antigos sabiam que o *succino* ou ambar amarello, quando é esfregado com um panno de lan ou de seda, tem a propriedade de attrahir os corpos muito leves como pedacinhos de papel, serradura etc. Esta curiosa propriedade foi attribuida a uma causa, que

tos corpos, sobretudo os metaes, não accusam o minimo vestigio de electricidade, ainda que submettidos á mesma operação. D'aqui proveio serem os corpos clasificados em duas categorias: corpos reputados electrísaveis ou *idioelectricos*, e corpos reputados não electrísaveis ou *anaelectricos*.

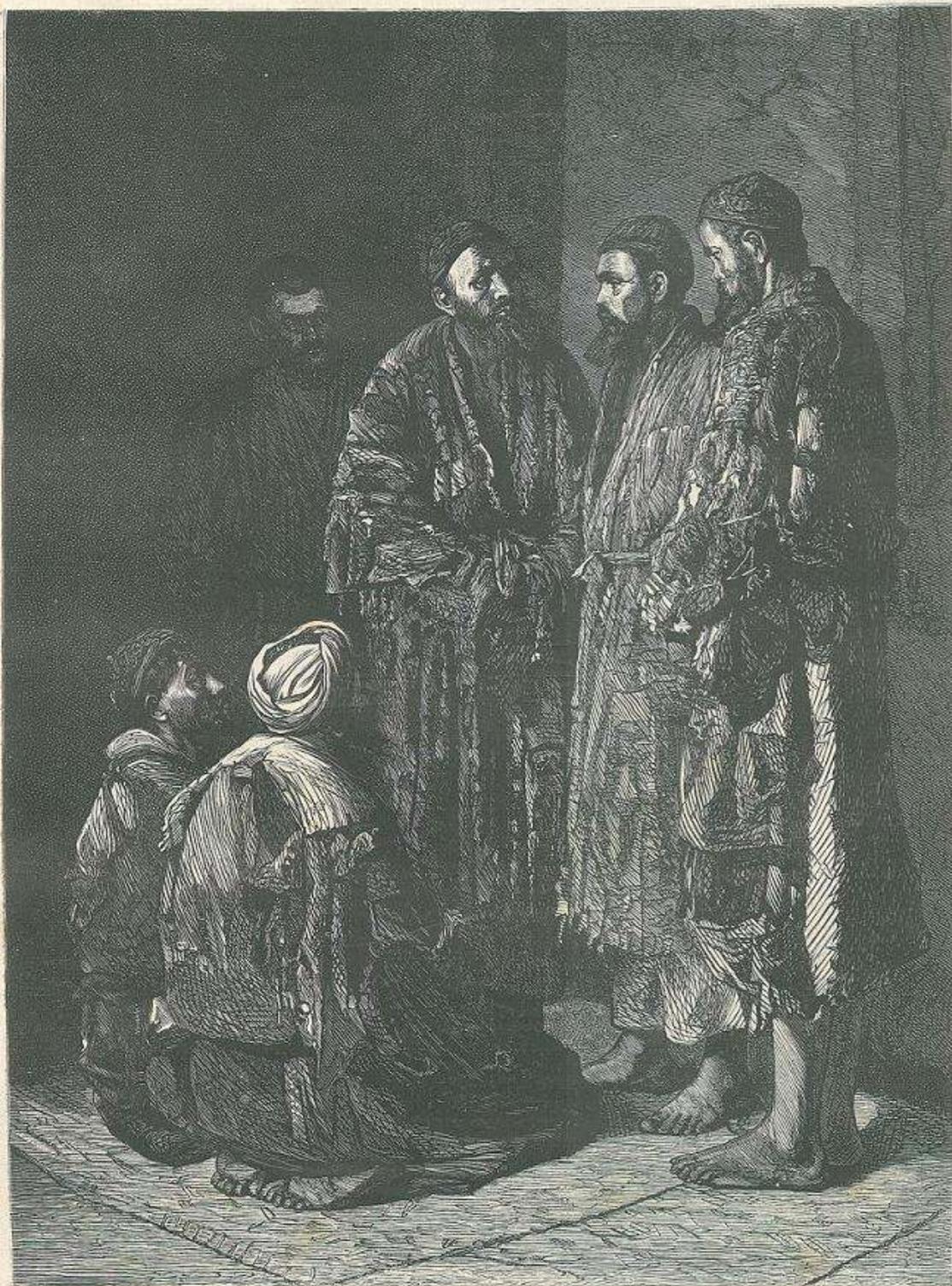
A attracção, que a electricidade exerce sobre os

fregando-o com lã, e approximemol-o da bola de sabugueiro, veremos que esta é attrahida pela resina; mas que, tocando n'ella, é immediatamente repellida. Tomemos agora um cylindro de vidro electrísado como o anterior; aproximemol-o da bola de sabugueiro, e ella será novamente attrahida; mas se a deixarmos tocar no vidro, será logo repellida, podendo

ser attrahida só pela resina. D'aqui é facil concluir que a electricidade do vidro não é igual á da resina; e para distinguir essas duas electricidades deu-se á da resina o nome de *electricidade resinosa*, e o nome de *electricidade vitrea* á do vidro. Segundo uma

guma cousa rara, surpreendente; no vocabulario scientifico *phenomeno* é tudo o que pode impressionar-nos de um modo qualquer physica, ou moralmente. A queda de um corpo, a ascensão de um foguete, o desabrochar de uma flor, cousas que todos os

Dissemos que certos corpos, e especialmente os metaes, não tinham as propriedades da resina e do vidro. Apesar d'isso todos os corpos são electricisaveis notando-se uma differença: os idioelectricos conservam a sua electricidade, ao passo que os anelectricos



POLITICOS TARTAROS.

theoria de Fraucklin a electricidade vitrea é tambem chamada *positiva*, e a electricidade resinosa chama-se tambem *negativa*.

Do phenomeno... Cumpre notar que a palavra *phenomeno* tem na sciencia uma significação diversa da que vulgarmente se lhe attribue. Na linguagem commum liga-se ao termo *phenomeno* a ideia de al-

dias se observam, são *phenomenos* na accepção scientifica da palavra. Do phenomeno, que racabámos de expor, foram deduzidos os dois principios seguintes:

*Dois corpos carregados de electricidade do mesmo nome repellem-se;*

*Dois corpos carregados de electricidade de nomes contrarios attrahem-se.*

só a conservam, quando não estão em communicação com o corpo humano ou com o solo. Os idioelectricos são chamados *maus conductores* e os anelectricos *bons conductores*. Tomemos um cylindro de cobre, esfreguemol-o com um panno; a electricidade, desenvolvida pelo attrito, irá toda para o solo por intermedio do corpo humano, que é bom conductor;

mas se lhe adaptarmos um cabo de vidro, corpo mau conductor, a electricidade, não podendo escapar-se por elle, ficará no cylindro de cobre, que terá então a propriedade de attrahir a bola de sabugueiro. Aos corpos maus conductores, com que evitamos que se perca a electricidade dos outros, que estejam electrizados, dá-se o nome de *isoladores*. Os que mais frequentemente se empregam são: o vidro, a seda e as resinas.

Nos corpos maus conductores, electrizados pelo attricto ou pelo contacto com outro corpo já electrizado, a electricidade existe só nos pontos, em que houve contacto ou attricto; nos bons conductores porém a electricidade espalha-se por toda a sua extensão, mantendo-se á superficie, sem penetrar no interior.

Nos corpos que terminam em ponta, ou que tem arestas, a electricidade accumula-se por tal forma nas arestas e pontas, que se esgota para o ar.

Póde-se electrizar um corpo sem o esfregar, nem tocar com outro corpo já electrizado. Basta pol-o em presença de um corpo electrizado. Este phenomeno chama-se *electrizaçào ou electricidade por influencia ou por induçào*. Ao corpo, que actua por induçào, dá-se o nome de *inductor*; o que recebe a acçào do primeiro, denomina-se *inducido*.

Effectivamente todos os corpos conductores possuem as duas electricidades (positiva e negativa) combinadas, isto é, no estado neutro. Ora, supponhamos um cylindro de cobre isolado por um pé de vidro; se a quinze ou vinte centimetros de uma das extremidades collocarmos uma esphera de latão electrizada positivamente (por exemplo), o fluido neutro do cylindro decompõe-se, a electricidade negativa é attrahida pela esphera, e a positiva é repellido para a outra extremidade. Fazendo esgotar esta ultima para o solo por meio de um bom conductor, e desviando a esphera, a electricidade negativa espalha-se por toda a superficie do cylindro, que fica portanto electrizado negativamente. Se a esphera estivesse carregada de electricidade negativa, o cylindro ficaria electrizado positivamente.

Para se produzirem grandes quantidades de electricidade empregam-se aparelhos especiaes. O mais elemental é o *electrophoro*, que por extremamente simples, é principalmente usado nos laboratorios de chimica, sendo mais frequente nos gabinetes de physica o emprego da machina electrica, que passamos a descrever, porque a sua theoria ha de servir-nos para comprehender alguns phenomenos interessantes.

A machina electrica de Ramsden consta de um *disco circular de vidro*, fixo a um eixo horizontal, munido de sua competente manivella. O eixo é sustentado por duas peças de madeira verticaes. Na parte superior e inferior das peças de madeira existem duas *almofadas* de couro, estofadas de crina, exteriormente revestidas de *ouro-mussivo* (bisulfureto de estanho). As almofadas apoiam-se no vidro por meio de parafusos de pressào, e communicam com o solo por meio de uma cadeia metallica. Em frente do disco de vidro ha dois cylindros de latão, chamados *conductores*, sustentados por quatro columnas de vidro. As extremidades contrarias ao disco são unidas por um tubo tambem de latão, e as outras extremidades terminam em arcos com forma de ferradura, que abraçam o disco, e armados de pontas voltadas para o vidro.

Como funciona esta machina? As noções, que já expuzemos, são bastantes para darem uma explicação clara e perfeita.

Quando se faz girar rapidamente o disco, este, pelo

attricto das almofadas, carrega-se de electricidade positiva, e as almofadas electrizam-se negativamente deixando que a sua electricidade se perca pela cadeia metallica. A electricidade positiva do vidro, não podendo escapar-se, actua por influencia, e decompõe o fluido neutro dos conductores; o fluido negativo é attrahido, esgota-se pelas pontas e vae neutralisar a electricidade positiva do vidro, ficando os conductores carregados de electricidade positiva.

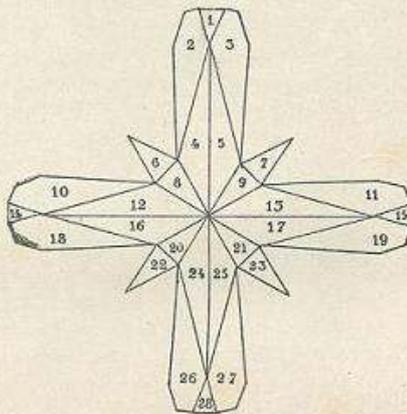
Como se vê a quantidade de electricidade vae augmentando á medida que se faz girar o disco; mas ha um momento, em que attinge o seu limite maximo. O grau de carga da machina electrica avalia-se por pequenos instrumentos denominados *electrometros*.

Alem d'esta, que é a machina electrica ordinaria, ha outras que não descreveremos, limitando-nos a citar os nomes das principaes: as machinas de Nairne, Holtz, Carré, e a machina hydro-electrica de Armstrong.

HORAS DE OCIO

Problema geometrico

Formar com os diferentes pedaços d'esta figura um triangulo isóceles:



SEBASTIÃO CORREIA DOS SANTOS.

Enigma anagrammatico

Invertendo duas letras a uma villa da Beira, encontra-se, em vez de villa, uma molestia certa.

Ainda temos outra villa, o que não é mui vulgar, que, pelo mesmo processo, fica, em vez de villa, mar.

MANOEL ANTONIO COELHO ZILHÃO.

Perguntas indiscretas

Qual é o rio mais frio, e qual é o rio mais quente da Europa?

MASCARAS VERMELHAS.

Charadas novissimas

1.ª — Mais tarde esta ave não é facil comprehender-se — 2-2

2.ª — Era idosa, e ainda assim n'este mundo vivia alegre praticando este acto — 2-1-2

A. G.

Embrulhada bibliographica

o . e . a . e . a . a . a . o . u . i . a . a . a . O . j . e . e  
6, 3, 8, 1, 0, 1, 1, 4, 1, 6, 1, 4

- 1.ª — Completar com as consoantes e achar o nome de trez obras portuguezas.
- 2.ª Apanhar os algarismos, e encontrar as datas das suas primeiras edições.

UM OFFICIAL INFERIOR DE CAÇADORES 8.

Metagramma (pela primeira syllaba e não pela primeira letra)

Com a primeira na giesta, c'o a segunda a barquear, com a terceira no verso é frequente de encontrar.

Com a quarta em toda a parte é de certo conhecida, com a quinta eil-a a tens olhos d'estes versos bem crescida.

GANDAREZ.

Enigma

(Aos ociosos de caçadores 4)

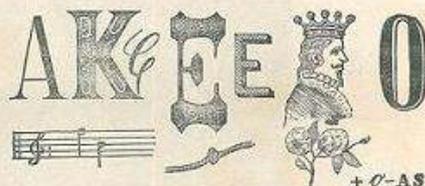
Se inverteres o meu nome, acharás meu appellido, se este lères invertido, o meu nome encontrarás.

Basea ainda se quizeres e acharás meu nome todo, lendo-me de qualquer modo, para diante ou para traz.

Procurai-me, caçadores, e achareis que sou do tom, entre os nomes de escriptores lá da patria de Ponson.

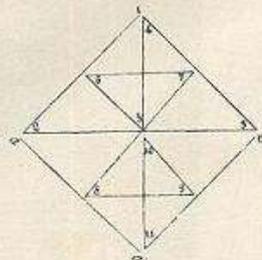
ZERO.

Enigm pittoresco



Soluções dos problemas do n.º 31

Problema geometrico:



Começa em numero 1 e acaba em 12.

Lexicologia. — Taborda.

Enigma anagrammatico. — Macaco.

Enigma pittoresco. — Quem se faz de mel as vesperas.

Soluções dos problemas do n.º 32

Como no n.º 35 não teremos de dar as soluções do n.º 33, que não teve secção de Horas de Ocio, para

esse numero reservamos dar as soluções dos problemas do n.º 32.

#### Soluções certas (do n.º 31)

**Problema geometrico.** — H. Grichard, um assignante da rua de Santa-Catharina (Porto), A. C. de Oliveira Santos, B. Lens (Porto), Edipo, Vasco (Coimbra), L. G., Mascara azul (Guarda), Carmelita, Antonio C. de Magalhães (Braga), X. Y. Z.

**Lexicologia.** — Joaquim Ricardo dos Reis Pereira (Cadaval), Balthazar J. S. (Villa Real), B. Lessa (Porto), Manoel Antonio Coelho Zilhão, Alexandre Augusto de Oliveira, Edipo, Vasco (Coimbra), L. G., Carmelita, X. Y. Z., Miguel Baptista da Silva Cruz.

**Enigma anagrammatico.** — H. Grichard, Manoel Antonio Coelho Zilhão, Alexandre Augusto de Oliveira, Edipo, X. Y. Z.

**Enigma pittoresco.** — Carmelita, Mascara azul (Guarda), Carmo e Sousa, Antonio C. de Magalhães (Braga), Um velho matador de eni-mas.

Solução do enigma do n.º 30, que veio rectificado no n.º 31

Mó e Nô.

#### Soluções certas d'esse enigma

Um velho matador de enigmas, Carmelita, Luiz de Castro Pessanha, Mó-nô (Santarem), Mascara azul (Guarda).

**Nota.** — Na *Embruhada cryptographica* do n.º 32, esquecem dizer que, juntando-se as consoantes, se deve formar um proverbio latino.

## ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS  
POR

Victor Tissot e Constant Amérol

(Continuado de pag. 264)

### XIX

Uma noite, pararam os salteadores na garganta de um estreito valle, para ali assentarem o seu acampamento ao ar livre. A noite estava escura, mas o céu puro e a temperatura relativamente muito amena. Além de Dimitri, havia na quadilha dois Tonguzes, um Samita da bahia de Tausk, um Korak, um pescador ghiliak, um condemnado russo fugido á colonisação da ilha Saghalien, o feroz cossaco Ivan, que os nossos leitores já conhecem, e finalmente um evadido, com quem travaram relações desde o começo d'esta historia; aquelle forçado, aquelle *vor* encontrado por Yegor em Nerchinsk no momento em que o conduziam á fortaleza de Akatuaia, e que logrou evadir-se outra vez. Conservava o mesmo ar terrivel e repellente, com o rosto desfigurado pelo acido sulfurico.

Trajava calças de pelles, um grande capote tambem de pelles, e calçava umas botas enormes por cima de chinelas de pelle de gamo; pendia-lhe da cinta uma grande faca ao lado de um cachimbo curto, e de uma caixa de cortiça contendo a sua provisão de tabaco indigena. O *vor*, depois de ter vagueado pelo paiz, encontrou a quadilha dos ladrões de ouro, e reuniu-se a elles.

O Lamuta tirou da algibeira uma d'aquellas immensas agathas, que se encontram no leito dos ri-

beiros, e de que os indigenas se servem para ferir lume. Começou a percutil-a empregando cogumellos cosidos para servirem de isca. A isca, introduzida n'uma caixa de osso, onde havia enxofre, produziu uma chamma, com que se accendeu o fogo do acampamento.

Durante esta operação, Svan, com o machado em punho, abatia pinheiros novos, e o *vor* Koschevine transportava a madeira, que devia alimentar o fogo.

Os dois Tongusses, que facilmente se reconheciam pela tez bronzada, as maçãs do rosto salientes, e pelos olhos pequenos, escuros e vivos como os dos tartaros, tinham-se collocado junto de um cavallo morto, e devoravam-lhe as carnes, que elles mal chamuscavam ao lume: era o cavallo de um d'elles, velho caçador por nome Ephraim, grande matador de ursos do districto de Okhotsk, tendo a reputação de matar ou apanhar vinte d'estes animaes cada verão. Ephraim, perseguido pelo ispravnik da sua aldeia — um russo de trinta annos, que passava o tempo a embebedar-se com o padre — tratou-o como costumava a tratar os ursos, e fugiu.

Havia apenas algumas horas que tinha encontrado a quadilha, sendo recebido por todos com grande contentamento. O cavallo, em que Ephraim montava, luctando na carreira com as rennas, quebrou uma perna, e teve de ser morto. O velho yakute, que não peccava por excesso de sensibilidade, matou-o á maneira do paiz. Os yakutes, apesar de pacificos e mansos, são muito cruéis com os animaes. O seu modo favorito de matar um cavallo para comel-o, é deital-o por terra, atal-o fortemente por meio de cordas, e depois abrir-lhe o peito e metter-lhe dentro o braço para ir comprimir o coração com a mão até que sobrevenha a morte. Pretendem que, morto assim o animal, a carne é muito melhor.

O outro Tongusse, que se chamava Avaram, pertencia ao grupo tongusse do sudoeste da Siberia. Todo vestido de pelles de renna, a principal peça do seu vestuario constava de uma especie de capote de pelles aberto por deante. Da gola pendia, para caso de necessidade, um capuz muito garri'o — um «malachi» — de pelles encarnadas, pretas e pardas, dispostas alternadamente, agalado de lontra marinha; um calção justo de pelle, com o pélo voltado para dentro, cobria-lhe as coxas. Os pés e as pernas, até acima dos joelhos, estavam mettidos dentro de botas de couro de renna com solas de pelle de phoca.

Este Tongusse reuniu-se á quadilha de ladrões de ouro com a esperanza de ganhar o bastante para pagar o preço da sua noiva, filha de um dos «golo-vas» ou chefes da sua tribu, belleza rara, que elle tinha obtido pela somma exorbitante de cem rennas, o que equivale a uma verdadeira fortuna. Entre os tongusses do sudoeste o preço da mulher varia entre uma e cem rennas. Citam-se bellezas de ordem inferior vendidas por um cachimbo, o que não impede que o casamento seja celebrado por um sacerdote russo.

Os outros salteadores da tundra, depois de terem morto uma renna, assavam postas de carne do animal; o Krak e o Lamuta preparavam uma sôpa deervas contidas no estomago da renna.

Este Korak era um rapaz, que tivera a fortuna de não morrer de fome, como toda a sua familia, de que só existia elle. Quando referiu aos companheiros que todos os annos, pelos fins do inverno, os habitantes de Tumane são dizimados pela fome, porque então acaba a provisão de peixe secco feita durante o estio:

— Por que não pescam mais? perguntou um dos salteadores.

— O governo russo dá-nos o material para fazermos as redes, respondeu elle; mas nós entregamol-o aos Lamutas com o condição de pescarem e daremos o peixe; muitos dos nossos comem tudo logo nos primeiros mezes de inverno.

O Lamuta trazia ao pescoço uma enorme medalha de prata, dadiva do czar, em recompensa de serviços prestados aos compatriotas durante uma das fomes periodicas.

Estas fomes da primavera são o flavello da Siberia. A medalha, singularmente collocada no peito de um saltador, tornava a quadilha objecto de consideração e respeito da parte dos indigenas.

O pescador ghiliak era um indigena do baixo Amor, obrigado a fugir do seu paiz por haver morto um parente, que lhe roubára a pedra da sua espingarda. Temia, e com razão, que os amigos do defunto exercessem represalias segundo o codigo ghiliak; olho por olho dente por dente. Este barbaro, muito supersticioso e dado á idolatria, tinha sido baptisado segundo o rito grego, e trazia ao pescoço muitas cruces pequenas de metal. Chamava-se Michaeloff.

(Continua.)

## CORRESPONDENCIA

**Giovanni Biperno.** — Chegaram tarde as soluções dos problemas do n.º 30, e o problema novo que nos mandava tambem não chegou cedo. Já um problema semelhante foi publicado no *Jornal do Domingo*, não ha muito tempo ainda.

**Mascaras Vermelhas.** — As soluções do n.º 30 não vieram cedo; esperamos que cheguem ainda a tempo as soluções do n.º 31. Dos problemas que nos mandaram agora, dois, congelados n'um, já figuram n'este numero. Mas ao resto da carta é que não é facil responder. Perguntam-nos muito amavelmente em que se parecem com lord Byron os versos do seu logogrifo. Deus do céu! quando se procura uma periphraze amavel, e que se é obrigado depois a pô-la em pratos limpos, amaldiçoa-se cem vezes a desastrada invenção dos circumloquios. Querem pois saber em que se parecem com lord Byron os versos do seu logogrifo? Querem sabel-o? Procuremos. Byron era gentil, era rico, era nobre, era par... e era coxo! Consolava-se difficilmente d'esse defeito, que lhe prejudicava um pouco a sirosidade e a elegancia. Parece-nos que nos vamos approximando engenhosamente da explicação pedida. E afinal de contas não a damos, não... não a damos. Querem a nossa cabeça? ah! a tem. Querem uma explicação? Não a apanham. Desembruhem-se da periphraze!

**A. G.** — O logogrifo que dedicava aos Pierrots estava infelizmente com os versos muito errados. As charadas novissimas lá vão.

**R. R.** — Cá vai um dos seus problemas. Do problema da era não gostámos muito, valha a verdade.

**Gandares.** — Desculpe-nos a demora. Tíhamos posto de parte o seu problema, e ia-nos esquecendo. Seja generoso, e não nos pague na mesma moeda, esquecendo-se de nós. Já temos saudades suas.

**Orthographia sónica.** — Designaremos por este nome, já que a não podemos designar de outro modo, uma pessoa que nos fez a honra de nos enviar um jornal, que, no seu entender, devia servir de modelo ao nosso. Como não temos outro meio de designar o correspondente a que nos referim-nos, servirá este.

Lemos com summo interesse o jornal que nos enviou, e que nos pareceu effectivamente muito instructivo e muito recreativo. Abre com um romance, em que um

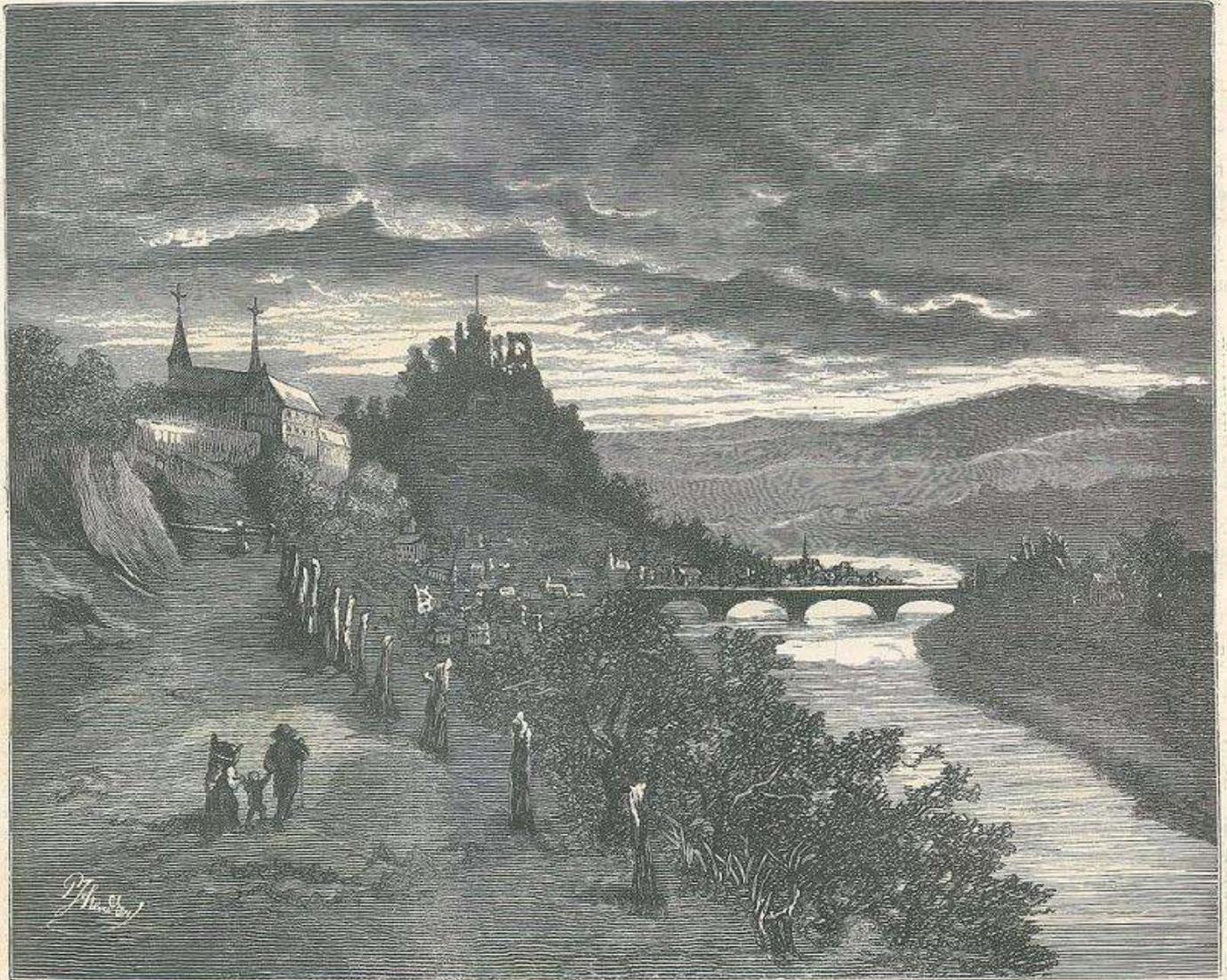
mancebo, estando a uma janella, vê passar n'uma carraagem uma mulher chamada Laura, de quem foi amante, e que não conhece porque a *acha mais pallida!* Esta Laura é uma rapariga de vinte annos, que apunhalou um amante, por elle não ter satisfeito um dos seus caprichos, e que embirra com o que tem por elle ser homem de pulso, que se não presta facilmente ao papel de victima. É uma mulher que tem amantes como quem tem frangos, para lhes torcer o pescoço. Interessante romance!

Segue-se um curioso artigo de chymica, artigo extremamente instructivo, em que, depois de se terem dito ácerca de nomenclatura as coisas mais curiosas, se dá

sequito de fidalgos e cavalleiros, todos huguenotes». Trouxera d'onde? Onde é que ella estava? Que idéa fará o author ou traductor de semelhante artigo da matança dos huguenotes, e do casamento de Henrique de Navarra?

O artigo immediato ácerca de Dieppe é tão inconscientemente traduzido que allí se sanciona a pretensão, em vezes refutada, dos dieppeszes a terem-nos precedido no descobrimento da Africa, dizendo-se que «foram os armadores de Dieppe que fundaram as primeiras colonias francezas nos diversos pontos da America e Africa». E a confirmação d'essa pretensão absurda aggravava-se, por se não declarar que é traduzido o artigo.

Descreve as ilhas de Africa, e, principiando pelo norte, as primeiras ilhas que cita são os Açores. Começa bem, como vêem. Os Açores, no entender do jornal instructivo, tem capital, e essa capital é Angra. Este sabio está tão adiantado como os de Palamedes. Segue para baixo, encontra as Canárias, Cabo Verde, e continúa d'esta forma: *Logo em seguida temos a Madeira.* Chama o jornal a isto «Ao redor do mundo sem sair de casa.» É o que vale ao leitor é viajar sem sair de casa. Se saísse estava prompto. Seguiu de Cabo Verde para o sul, á procura da Madeira, que devia ser logo allí; provavelmente não a encontrava, e vinha dizer que a ilha se affundára!



UMA VISTA DOS ARREDORES DE SARREBURGO, PERTO DE TRÉVES.

aos leitores a seguinte notavel inoformação (textual): «Assim o sal formado pelo acido carbonico combinado com o protoxydo de chumbo designa-se pelas palavras *carbonato de protoxydo de ferro.*» É exquisito, mas a chymica é tão extravagante!

Misturando o agradável com o util traz o jornal em seguida uns versos a uns annos, em que se chama *sabia* á natureza, em que se coroam as *camenas*, e em que figura este verso adoravel: «De mão affectuoso aperto», um *shake-hands* virado do avesso.

Depois vem as traducções, pasmosas! N'um artigo ácerca dos Ingleses na India, diz-se: «Apenas ha a considerar como independentes os poucos estados *chamados hoje India cingangetica.*» Quando nos lembramos de que a India cingangetica é exactamente a que comprehende as tres grandes presidencias inglezas, ficámos scismando, quando estes são os Estados independentes, o que serão os outros!

N'um artigo espantoso ácerca da matança da noite de S. Bartholomeu escreve-se o seguinte: «A princeza Margarida de Valois trouxera para França um enorme

Do artigo ácerca de Larrey nada podemos dizer porque o não entendemos. Tem periodos d'esta força. «Morreu como vivera cercado de soffrimentos humanos, *para os quaes a sua vida não passou de uma longa consagração.*»

O mesmo diremos do artigo *Monomotapa*; parece escripto na lingua do assumpto. A respeito do xadrez, afirma esse instructivo jornal que «os eruditos pouco se importam com o sanscrito e o persa!» Pois se elles se não importam, nós ainda menos. Cuidavamos que os eruditos não se importavam até com outra coisa, mas é verdade que o mesmo instructivo e instruido jornal assevera que os sabios entendem que o xadrez foi inventado por Palamedes no cerco de Troya para entreter os collegas! Os tues sabios estão adiantados, não ha duvida! São sabios da *Bella Helena!*

Depois de outro romance em que ha outro mancebo, poeta e pallido, que parte para o Brazil, á procura de *almas que comprehendam a desgraça*, (tambem está adiantado este mancebo!); vem finalmente a perola do numero que é um artigo de geographia.

Continúa e afirma que a ilha de Santa Helena foi descoberta em 1506 por D. Lourenço de Almeida. Seria, mas não constava. E o que não constava tambem é que João da Nova, como diz no mesmo instructivo jornal o auctor do citado artigo, tivesse descoberto a ilha da Ascensão em 1510, depois de já estar morto e enterrado em Cochim. Eram levados da bréca aquellos nossos antepassados!

É fresco o modelo, como vê, querido assignante nosso! e prestam realmente grandes serviços estes jornaes que impingem a assignantes pacovios, como este da *Orthographia sónica*, a sua carga de erudição avariada, os seus Palamedes rançosos e os seus Dieppes bolorentos!

Pois, caro *sonico*, vá beber do chafariz de que gosta, e deixe correr, obscuremente, despreziosamente, por entre a relva, as aguas, pelo menos crystallinas e puras, da nossa humilde fonte.